



A EXPERIÊNCIA HUMANA DIANTE DA FINITUDE TOTAL DO UNIVERSO THE HUMAN EXPERIENCE IN THE FACE OF THE TOTAL FINITUDE OF THE UNIVERSE

Atila Barros da Silva¹

DOI:10.66029/DGQM8153

RESUMO: Este ensaio indaga as implicações filosóficas, científicas e socioculturais da hipótese de a humanidade ter acesso antecipado à data exata do fim do universo, propondo que essa consciência introduz uma forma de finitude absoluta que reconfigura radicalmente o sentido do tempo, da história e da existência. Diferentemente da morte individual, a aniquilação cósmica elimina qualquer horizonte de continuidade, tensionando conceitos clássicos como liberdade, valor e sentido. O texto articula filosofia existencial, psicanálise, sociologia e cosmologia para mostrar como a previsibilidade do fim comprometeria instituições sociais baseadas na ideia de progresso, intensificaria angústias psíquicas coletivas e exigiria revisões profundas nas bases da física contemporânea. Paralelamente, o ensaio explora a hipótese do universo como simulação, sugerindo que o fim poderia não representar extinção absoluta, mas uma transição informacional entre camadas de realidade. Experiências de pós-morte são reinterpretadas como possíveis interações com a estrutura computacional do cosmos, deslocando a discussão do campo espiritual para uma ontologia da informação. Ao combinar reflexão teórica e narrativa especulativa, o texto propõe que a consciência do fim não apenas ameaça produzir niilismo, mas também pode radicalizar o valor do presente e reorientar a busca humana por sentido.

Palavras-chave: finitude cósmica. simulação. consciência. existência

ABSTRACT: This essay investigates the philosophical, scientific, and sociocultural implications of the hypothesis that humanity could gain prior knowledge of the exact date of the end of the universe, proposing that such awareness introduces a form of absolute finitude that radically reconfigures the meaning of time, history, and existence. Unlike individual death, cosmic annihilation eliminates any horizon of continuity, placing classical concepts such as freedom, value, and meaning under extreme tension. The text draws on existential philosophy, psychoanalysis, sociology, and cosmology to demonstrate how the predictability of the end would undermine social institutions grounded in the idea of progress, intensify collective psychic anxieties, and demand

¹ Graduado em Análise de Sistemas e História, possui formação acadêmica multidisciplinar. É pós-graduado com MBAs em Gestão do Conhecimento e em Data Warehouse e Business Intelligence, além de especializações em Engenharia de Software, Antropologia, História, Educação do Campo, Filosofia, Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia. Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA-RJ), onde atua como professor titular e pesquisador. Lecciona nos cursos de Pedagogia, Sociologia e Antropologia, bem como nas graduações em Ciências Jurídicas, Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Ciências da Computação. Atualmente, é doutorando em Educação pela Universidad Nacional de Rosario (UNR-Argentina). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4660184868094532>. Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0006-3739-0681>. E-mail: atilafmusp@gmail.com



profound revisions of the foundations of contemporary physics. In parallel, the essay explores the hypothesis of the universe as a simulation, suggesting that the end may not represent absolute extinction but rather an informational transition between layers of reality. Post-mortem experiences are reinterpreted as possible interactions with the computational structure of the cosmos, shifting the discussion from the spiritual domain toward an ontology of information. By combining theoretical reflection with speculative narrative, the text argues that awareness of the end not only threatens to produce nihilism but may also radicalize the value of the present and redirect the human search for meaning.

Keywords: cosmic finitude. simulation. consciousness. Existence



INTRODUÇÃO

A possibilidade de a humanidade ter acesso ao conhecimento exato da data e da hora do fim do universo desloca radicalmente as bases sobre as quais se estruturam a experiência humana, o pensamento científico e as formas culturais de organização social. Diferentemente da consciência individual da morte, tema clássico da filosofia, a antecipação do colapso absoluto da realidade introduz uma finitude total, irreversível e não experienciável, que reconfigura o sentido do tempo, da história e do próprio conceito de futuro. Tal hipótese não se restringe ao campo especulativo, mas emerge do diálogo entre cosmologia contemporânea, física teórica, filosofia existencial e teorias da informação, exigindo uma abordagem necessariamente interdisciplinar.

Desde a filosofia existencial, a finitude sempre operou como um princípio estruturante da condição humana. Em Heidegger (2014), a consciência da morte individual funda a temporalidade do ser-aí e orienta a existência autêntica. No entanto, quando essa finitude se projeta para a escala cósmica, a morte deixa de ser um horizonte subjetivo e torna-se um evento absoluto, sem exterioridade possível. Nesse cenário, conceitos como sentido, liberdade e valor são tensionados até seus limites. A ética do eterno retorno proposta por Nietzsche (2001), baseada na repetição infinita da existência, entra em colapso diante da hipótese de um universo com término definitivo, abrindo espaço para formas inéditas de niilismo ou, paradoxalmente, para a radicalização do valor do presente.

No campo das ciências sociais, a previsibilidade do fim do universo compromete os fundamentos simbólicos e materiais que sustentam as instituições modernas. Como observa Weber (2004), a racionalidade econômica, política e administrativa depende da crença em continuidade, progresso e estabilidade. A supressão do futuro enquanto horizonte possível desarticula projetos de longo prazo, fragiliza sistemas de autoridade e produz rearranjos profundos nas formas de coesão social. Ao mesmo tempo, a psicologia e a psicanálise indicam que a consciência da aniquilação, já presente na pulsão de morte descrita por Freud (2016), poderia ser intensificada em escala coletiva, desencadeando respostas que variam entre paralisia, hedonismo e radicalização simbólica.

Paralelamente, a cosmologia contemporânea e a hipótese da simulação ampliam ainda mais esse debate. Modelos de estrutura de larga escala do universo, baseados em simulações computacionais, sugerem que a realidade pode ser descrita como um sistema informacional altamente estruturado. Nesse contexto, a proposta de Bostrom (2003), de que o universo pode ser uma simulação computacional, e os desdobramentos recentes apresentados por Virk (2021), reposicionam a própria ideia de fim: a aniquilação do universo poderia representar não um encerramento absoluto, mas uma transição de estado, um desligamento do sistema ou a migração da consciência para outra camada de realidade. Assim, a questão do fim do universo deixa de ser apenas cosmológica e passa a interrogar os limites ontológicos da existência, da consciência e da própria realidade.

Diante desse cenário, este ensaio indaga as implicações filosóficas, científicas e socioculturais da consciência antecipada do fim do universo, articulando finitude, simulação e informação como chaves interpretativas para repensar o sentido da existência humana em um horizonte temporal radicalmente finito.



A HIPÓTESE DA SIMULAÇÃO COMO ONTOLOGIA DO LIMITE

A hipótese de que vivemos em uma simulação computacional não deve ser compreendida como uma curiosidade futurista ou como mero exercício de ficção especulativa, mas como um operador filosófico que tensiona simultaneamente ontologia, epistemologia e teoria da consciência. Ao deslocar a questão do real para o campo da informação, essa hipótese reorganiza a própria arquitetura conceitual com a qual a humanidade interpreta a existência. A pergunta fundamental não é simplesmente se estamos em uma simulação, mas o que significa habitar uma realidade cujo fundamento pode ser computacional. A hipótese introduz uma suspeita radical: talvez o que chamamos de mundo não seja uma substância última, mas uma instância de processamento.

A formulação contemporânea desse problema foi sistematizada por Bostrom (2003), cujo argumento probabilístico desloca a questão do campo da metafísica pura para o da racionalidade estatística. Seu raciocínio parte da premissa de que, se civilizações tecnologicamente maduras forem capazes de executar simulações conscientes em larga escala, o número de mentes simuladas tenderá a superar imensamente o número de mentes biológicas originárias. Nesse cenário, qualquer consciência individual teria maior probabilidade de pertencer ao conjunto majoritário, o das consciências simuladas. A hipótese não afirma categoricamente que somos simulados; ela afirma que, dadas certas condições tecnológicas plausíveis, torna-se estatisticamente irracional descartar essa possibilidade. O efeito filosófico é a erosão da excepcionalidade ontológica humana: a posição intuitiva de que habitamos a “realidade base” deixa de ser uma certeza e passa a ser uma aposta improvável.

Essa erosão atinge diretamente a tradição metafísica que supunha um acesso privilegiado ao real. A simulação converte o antigo ceticismo em demografia: a dúvida deixa de ser apenas conceitual e se torna probabilística. O sujeito não é apenas incapaz de provar a realidade última; ele passa a suspeitar que pertence a uma camada derivada de existência. Nesse contexto, a distinção entre original e cópia perde estabilidade filosófica. Uma simulação suficientemente complexa, habitada por agentes conscientes, não é ontologicamente trivial. Para seus habitantes, ela é o único horizonte possível de experiência. O que chamamos de realidade deixa de ser definido por origem e passa a ser definido por funcionalidade fenomenológica.

O vetor tecnológico que sustenta essa hipótese não depende de extrapolações fantasiosas, mas de tendências já observáveis. A humanidade constrói hoje simulações físicas, biológicas e cognitivas com graus crescentes de fidelidade. Modelos cosmológicos, redes neurais e ambientes virtuais sugerem que a representação computacional do real é não apenas possível, mas progressivamente refinável. Se projetarmos essa trajetória em escala civilizatória longa, envolvendo inteligência artificial forte, computação quântica e substratos pós-biológicos, torna-se concebível a emergência de civilizações capazes de executar universos inteiros como processos informacionais. Nesse ponto, a distinção entre simular e instanciar começa a colapsar. Uma simulação consciente deixa de ser mera representação e passa a constituir uma realidade operacional.

A hipótese da simulação adquire densidade máxima quando confrontada com os limites internos do conhecimento. Ao aplicar os resultados de Kurt Gödel à ontologia, percebemos que qualquer sistema formal suficientemente complexo contém verdades que não podem ser demonstradas internamente. Se o universo simulado for governado por leis matemáticas, ele herdaria essa incompletude estrutural. A consequência é decisiva: a prova definitiva de estarmos em uma simulação pode ser logicamente inacessível a



agentes internos ao sistema. A hipótese torna-se indecidível não por falta de evidência empírica, mas por limitação estrutural do próprio conhecimento. A simulação deixa de ser apenas um cenário tecnológico e passa a funcionar como metáfora rigorosa da condição epistemológica humana.

Nesse quadro, a ontologia desloca-se da matéria para a informação. O que existe não é primariamente substância, mas estrutura processual. O universo torna-se legível como execução de estados, e a existência como fluxo informacional. Essa mudança não reduz a realidade a ilusão trivial; ao contrário, radicaliza o conceito de real. Uma simulação consciente é real para seus habitantes porque produz experiência, memória, dor e significado. A distinção entre “real” e “simulado” transforma-se em diferença de nível ontológico, não em hierarquia de valor existencial. O que importa não é o substrato último, mas a densidade fenomenológica da experiência.

A força filosófica da hipótese da simulação reside justamente em sua capacidade de espelhar a condição humana. Mesmo que o universo não seja literalmente computacional, nossa relação com a totalidade do real permanece análoga à de um processo interno a um sistema que jamais acessa seu código-fonte. A consciência nunca observa o mundo de fora; ela sempre opera a partir de dentro de uma estrutura que a precede. A simulação explica essa condição estrutural de interioridade.

Dessa forma, a pergunta sobre a simulação converte-se em uma pergunta sobre os limites do conhecimento. Se a verdade última é inacessível, isso não invalida a investigação filosófica; pelo contrário, define sua tarefa crítica. Pensar a simulação é pensar o ponto em que a razão encontra sua própria borda. A hipótese não oferece consolo metafísico nem garante transcendência; ela expõe a precariedade de qualquer certeza ontológica e, ao fazê-lo, amplia o campo da reflexão.

A simulação permanece, portanto, suspensa entre ciência, metafísica e imaginação racional. Ela não é uma solução final, mas um dispositivo teórico que obriga o pensamento a reconsiderar o estatuto do real. Não nos diz o que o universo é; revela o quanto frágeis são nossas garantias sobre o que ele poderia ser. E talvez seja precisamente nesse intervalo entre código e consciência, entre estrutura e experiência, que a existência humana encontra sua forma mais aguda de lucidez.

A CONSCIÊNCIA DO FIM

A possibilidade de que a humanidade tenha conhecimento exato da data e hora do fim do universo constitui uma questão filosófica, sociológica e científica de grande complexidade. Tal cenário levanta uma série de questionamentos fundamentais sobre a natureza da existência, a estrutura da realidade e as respostas psicológicas e culturais diante da inevitabilidade da aniquilação cósmica. No âmbito da metafísica, a certeza sobre o término da realidade reconfiguraria profundamente o sentido atribuído ao tempo, à liberdade e à finalidade da existência. Na sociologia, tal evento poderia gerar efeitos imprevisíveis no comportamento humano, modificando estruturas políticas, econômicas e religiosas. Por fim, na cosmologia e na física teórica, o conhecimento da temporalidade exata do fim do universo implicaria a formulação de modelos deterministas e a revisão da aleatoriedade quântica, desafiando pressupostos fundamentais da ciência contemporânea.

A filosofia, desde a Antiguidade, tem se ocupado com a finitude da vida e a angústia existencial decorrente da consciência da morte. No entanto, a morte individual difere substancialmente do fim absoluto do universo. A morte humana, conforme



argumentado por Heidegger (*Ser e Tempo*, 1927), é uma experiência radicalmente subjetiva, situada dentro da temporalidade finita do ser-aí. Já o conhecimento do fim do universo desloca essa finitude para uma escala cósmica, na qual não há continuidade possível após o evento final. Isso levanta a questão do sentido: se não há um futuro para além da destruição total, toda construção histórica, cultural e científica perde seu valor intrínseco ou, paradoxalmente, adquire um valor absoluto enquanto manifestação final da inteligência consciente. Nietzsche, ao desenvolver a noção do eterno retorno, propôs uma ética na qual cada ação deveria ser vivida como se fosse se repetir infinitamente. No entanto, se o universo caminha para um colapso definitivo, o eterno retorno se tornaria uma impossibilidade, e o niilismo poderia se manifestar de maneira irreversível. Nesse sentido, o pensamento filosófico teria de reorganizar suas bases, redefinindo o papel da moral, do conhecimento e da liberdade diante de um horizonte temporal finito e incontornável.

A antecipação exata do fim do universo teria repercussões psicológicas profundas na humanidade. A teoria psicanalítica sugere que a consciência da finitude da vida individual já é um dos principais motores da angústia humana. Freud (*Além do Princípio do Prazer*, 1920), argumenta que a pulsão de morte (*Thanatos*) coexiste com a pulsão de vida (*Eros*), sendo a aniquilação um elemento presente no inconsciente humano. O conhecimento de uma morte coletiva e cósmica, portanto, poderia gerar uma intensificação dessas pulsões, levando a reações extremas que variam entre hedonismo desenfreado e paralisia social (Freud, 20216).

A sociologia, por sua vez, teria de lidar com o colapso das instituições e da organização social. Max Weber, ao analisar a relação entre ética e estrutura social (*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, 1905), sugere que a crença em um futuro sustentável é um elemento essencial para a continuidade das instituições. Se o futuro deixasse de existir, o sistema econômico perderia sua funcionalidade, pois investimentos, poupança e produção deixariam de fazer sentido. Governos poderiam dissolver-se, e sistemas de autoridade entrariam em crise, uma vez que a coesão social depende, em grande parte, da ilusão de permanência e continuidade.

Movimentos religiosos poderiam experimentar tanto um declínio quanto uma ascensão. Algumas crenças poderiam perder sua influência se o fim do universo não estivesse alinhado com suas escatologias tradicionais. Outras, no entanto, poderiam reinterpretar o evento como um cumprimento profético, o que levaria a ondas de fervor religioso e messianismo. Em paralelo, o avanço da filosofia transumanista poderia incentivar tentativas de escapar do fim cósmico, seja por meio da transferência da consciência para sistemas digitais, seja pela busca de universos paralelos, caso a física permitisse tal hipótese.

Se a humanidade tivesse conhecimento exato do momento da aniquilação universal, isso implicaria que as leis da física permitiriam uma previsibilidade absoluta dos eventos cósmicos, algo que contradiz certos princípios fundamentais da mecânica quântica e da relatividade geral. A incerteza quântica, conforme formulada por Heisenberg, estabelece que não se pode determinar simultaneamente a posição e a velocidade de uma partícula com precisão infinita. No entanto, a determinação exata do fim do universo sugeriria um modelo determinista subjacente, o que poderia indicar que o princípio da incerteza é apenas uma ilusão emergente de processos mais profundos. Além disso, a confirmação do destino final do universo poderia impulsionar avanços tecnológicos sem precedentes. Se a data do fim estivesse distante, os cientistas poderiam buscar métodos para reverter ou evitar o colapso cósmico. Em cenários como o da morte térmica, estratégias de engenharia cósmica poderiam ser formuladas para manipular a



entropia e prolongar a viabilidade do universo habitável. Se o Big Crunch fosse inevitável, pesquisas poderiam se concentrar na exploração de universos paralelos ou na criação de uma estrutura computacional que preservassem a informação humana antes do colapso. Caso o fim fosse iminente e inevitável, a ciência poderia se voltar para projetos que maximizassem o significado da existência nos momentos finais. Grandes experimentos cosmológicos poderiam ser realizados sem preocupações éticas relacionadas ao impacto ambiental ou à segurança futura da humanidade. Explorações de buracos negros, testes de energia de vácuo e experimentos de fusão nuclear poderiam ser conduzidos sem restrições, em busca de respostas definitivas sobre a natureza da realidade antes de seu desaparecimento.

A consciência exata do fim do universo alteraria radicalmente a trajetória da civilização humana, influenciando suas estruturas filosóficas, psicológicas, sociológicas e científicas. A experiência da temporalidade seria reconfigurada, o valor das instituições sociais seria redefinido e a própria concepção de progresso entraria em colapso. O conhecimento do término absoluto poderia conduzir a uma expansão extrema da racionalidade, com a busca por soluções cosmológicas para transcender o fim, ou poderia resultar em um niilismo destrutivo, onde a ausência de futuro levaria à desestruturação da sociedade. No campo científico, tal descoberta exigiria uma revisão profunda das leis da física e da cosmologia, potencialmente revelando aspectos ocultos da estrutura fundamental do universo. Se a humanidade enfrentasse o fim de maneira racional e estruturada, talvez o último ato da civilização fosse a tentativa de compreender sua própria extinção, um gesto final de resistência intelectual contra a inevitabilidade do nada.

PARA ONDE VAMOS AGORA?

Você continua acelerando. A luz ao seu redor se curva, a realidade se distorce. As estrelas, antes pontos brilhantes no espaço infinito, agora se esticam em linhas cintilantes, como se o código do universo estivesse tentando acompanhar sua velocidade. Mas há um limite, e você o ultrapassa. O que acontece quando se rompe a barreira da simulação?

O espaço conhecido se desfaz como um mapa corrompido. O vácuo se enche de estática, como um monitor tentando exibir algo que não deveria estar ali. Você se vê diante do nada, mas não um nada escuro e silencioso. Esse nada pulsa, vibra, como se estivesse esperando que algo o moldasse.

A programação do universo nunca foi feita para permitir que alguém chegasse até aqui. Você saiu dos limites do código, atravessou a linha onde o motor da realidade para de renderizar. Mas então, algo acontece.

O vazio começa a se reorganizar. No horizonte, padrões geométricos surgem e desaparecem em frações de segundo. Estruturas fractais gigantescas emergem do nada, como equações sendo resolvidas diante dos seus olhos. Você percebe que tudo isso não é aleatório, são fórmulas, códigos fundamentais da simulação, manifestando-se de maneira crua.

Se o universo for uma simulação, então deveria haver algo além dela. Talvez um sistema maior, uma camada acima da que sempre conhecemos. Mas o que há do outro lado?

Talvez a realidade última não seja composta de matéria ou energia, mas de informação pura. Dados brutos sustentando a existência, como um oceano de algoritmos se autogerindo. Aqui, as leis da física já não são fixas. Você percebe que seu próprio pensamento afeta o ambiente ao redor. Se imagina uma estrela, a estrutura de código à



sua frente tenta moldá-la. Se pensa em movimento, sente-se impulsionado sem qualquer propulsão.

Isso significa que você não é apenas um viajante. Você é um processo dentro do sistema, uma entidade que pode alterar a simulação porque agora enxerga sua estrutura básica. Mas então vem uma pergunta aterradora: Se você pode ver o código, alguém pode estar te observando também?

Nenhuma simulação existe sem um criador. Se você chegou até aqui, então violou as regras do sistema. E se o sistema tem regras, há alguém ou algo que as definiu. De repente, o espaço à sua frente se apaga. Como um servidor derrubado, como um mundo virtual desconectado. O código que sustentava sua presença começa a se desfragmentar. Mas antes que tudo desapareça, você sente uma presença. Algo, ou alguém, percebeu sua existência. E então, uma mensagem, não falada, mas impressa diretamente na sua consciência: "Você não deveria estar aqui."

O que acontece agora? Você acordará no seu mundo, como se tudo fosse um sonho? Será expulso da simulação? Ou talvez... tenha sido escolhido para ver algo que ninguém jamais viu? A decisão não é mais sua. Você apenas espera pela próxima linha de código.

EXPERIÊNCIAS DE PÓS-MORTE

A hipótese do universo simulado, proposta por Nick Bostrom em 2003, sugere que nossa realidade pode ser uma simulação computacional extremamente avançada, operada por uma entidade superior ou uma civilização tecnologicamente avançada. Essa ideia tem sido explorada em diversos campos do conhecimento, incluindo a física teórica, a metafísica e a ciência da computação. No contexto das experiências de pós-morte, a hipótese levanta questões fundamentais sobre a continuidade da consciência além da morte e a possibilidade de um "reset" ou transição para outra camada de realidade simulada. Se nossa existência for de fato uma simulação, os relatos de experiências de quase-morte poderia ser interpretados não como eventos paranormais ou espirituais, mas sim como interações entre diferentes níveis da simulação, ou mesmo falhas no código que a rege.

A estrutura do universo tem sido estudada sob a ótica da simulação, com pesquisas científicas demonstrando que os padrões de distribuição da matéria e da energia seguem estruturas compatíveis com modelos computacionais. Estudos como os de Bernardeau (2002), analisam as perturbações cosmológicas que moldam a estrutura de larga escala do universo, enquanto pesquisas como as de Doroshkevich (1980), utilizam simulações bidimensionais para modelar a dinâmica gravitacional e a formação da estrutura cósmica. Esses estudos fornecem evidências que reforçam a ideia de um universo gerado artificialmente, no qual o espaço-tempo e suas propriedades podem ser codificações numéricas dentro de um sistema computacional altamente sofisticado.

No campo das experiências de pós-morte, relatos de indivíduos que passaram por estados de quase-morte frequentemente incluem visões de realidades alternativas, uma percepção expandida da consciência e revisões retrospectivas da própria vida. Muitas dessas descrições apresentam características semelhantes a processos computacionais, como a recuperação de informações arquivadas em um banco de dados ou a transição para um novo estado de processamento. Rizwan Virk (2021), explora a hipótese do multiverso simulado, sugerindo que a consciência pode existir como uma entidade separada do corpo físico e que, ao morrer, poderíamos estar simplesmente mudando de



nível dentro da simulação. Dessa forma, as experiências de quase-morte poderia ser comparadas a uma reconfiguração do sistema ou a um evento de realocação da consciência dentro da matriz digital do universo.

Se o universo for de fato uma simulação, a morte pode não representar um fim absoluto, mas sim um evento de transição, semelhante a um avatar em um jogo eletrônico que, ao ser desativado, pode ser reiniciado em um novo ambiente ou preservado em um estado latente até uma nova ativação. Essa perspectiva poderia explicar fenômenos como as chamadas experiências extracorpóreas e os relatos de indivíduos que descrevem uma sensação de continuidade da consciência mesmo após a perda das funções vitais do corpo físico. Ademais, caso a simulação seja gerida por uma entidade externa, essa mesma entidade poderia estar programando a reinicialização ou redistribuição da consciência em diferentes contextos simulados.

Dessa forma, a hipótese do universo simulado fornece um arcabouço teórico que permite reinterpretar as experiências de pós-morte não como eventos sobrenaturais ou meramente psicológicos, mas como possíveis interações com uma realidade digital estruturada de forma hierárquica. O estudo da estrutura cosmológica, aliado à modelagem computacional e às experiências subjetivas, sugere que nossa percepção da morte pode estar equivocada, sendo na realidade uma mudança de estado dentro de um sistema computacional maior. Se aceitarmos essa visão, nossa própria existência deve ser repensada em termos de informação, processamento e persistência da consciência para além dos limites físicos do corpo biológico.

Se a realidade for, de fato, uma simulação, como argumentam autores como Rizwan Virk, Bernardau e Doroshkevich, a experiência da pós-morte poderia ser interpretada como uma transição de estado dentro desse sistema simulado. Virk, em *The Simulated Multiverse*, explora a ideia de que nossa existência pode ser apenas uma instância dentro de uma rede maior de simulações interligadas, o que implica que a morte não necessariamente significa um fim absoluto, mas sim uma migração para outra camada da realidade. A pergunta central que se impõe nesse contexto é: o que acontece quando o processo biológico se encerra?

Se tomarmos a hipótese de Virk a sério, a morte poderiam representar um "logout" da simulação atual, possibilitando o retorno da consciência ao "sistema base" ou sua reintegração em outra simulação. Ele sugere que a consciência pode operar como um algoritmo complexo rodando em uma realidade simulada, de modo que a morte equivaleria a um programa sendo encerrado e potencialmente reiniciado em um novo ambiente. Isso se alinha a ideias presentes na mecânica quântica, especialmente no que se refere à persistência de estados de informação. Se a consciência não estiver vinculada estritamente à biologia, mas sim a um processamento computacional em uma estrutura superior, então sua continuidade poderia ser assegurada por mecanismos que transcendem as leis físicas do nosso universo observável.

Outra possibilidade intrigante dentro da teoria de Virk envolve a ideia de um "checkpoint" da consciência. Assim como em jogos eletrônicos, onde os dados são salvos periodicamente para que o jogador possa retomar a experiência de onde parou, a realidade simulada poderia contar com sistemas de armazenamento que preservam a consciência além da morte biológica. Nesse caso, o que se experimentaria após a morte dependeria das regras da simulação matriz: poderíamos despertar em outro contexto, como se estivéssemos migrando entre cenários virtuais, ou talvez reexperimentar momentos passados, acessando um banco de memórias armazenado no sistema. Essa hipótese ressoa com relatos de experiências de quase-morte, nos quais indivíduos afirmam ter visto suas



vidas em retrospectiva ou sentiram a presença de uma realidade diferente antes de "retornarem" ao corpo.

Entretanto, a grande questão levantada por Virk é se existe um "jogador" por trás de nossa experiência ou se estamos apenas seguindo um código autônomo sem uma entidade superior que controle os eventos. Se houver um nível mais alto de existência, a morte poderia ser simplesmente a transição de uma perspectiva limitada para uma visão mais ampla da realidade, semelhante a um personagem de videogame que, ao fim de uma simulação, descobre que sua experiência fazia parte de um sistema maior. Por outro lado, se não houver uma inteligência externa, então a pós-morte poderia se manifestar como a desintegração total da consciência, sem nenhuma continuidade, como um programa sendo apagado permanentemente da memória de um computador.

Ao considerar essas possibilidades, a visão tradicional da pós-morte é desafiada por uma perspectiva tecnológica e informacional. A experiência do "outro lado" dependeria do propósito da simulação: seríamos reinseridos em um novo ciclo de existência? Teríamos acesso a diferentes realidades dentro do multiverso simulado? Ou simplesmente nos desligaríamos, sem qualquer resquício de consciência? O que vemos após a morte, dentro dessa abordagem, não seria um céu ou um inferno transcendental, mas sim um resultado programático condicionado pela estrutura e pelas regras da simulação em que estamos inseridos. Se assumirmos que a consciência é um processo computacional dentro de uma simulação, como sugere Rizwan (2021), a pós-morte poderia ser interpretada como uma transição entre diferentes camadas de realidade, talvez até uma revelação do verdadeiro propósito da simulação. Isso nos leva a questionar: qual seria o objetivo dessa experiência simulada? Estaríamos sendo testados, observados ou treinados para algo maior? Ou nossa existência seria apenas um fenômeno emergente dentro de um sistema automatizado, sem uma entidade consciente controlando-o?

Rizwan argumenta que a teoria da simulação não apenas explica fenômenos quânticos, como a dualidade onda-partícula e o colapso da função de onda pela observação, mas também pode fornecer insights sobre experiências subjetivas, como déjà-vu, sonhos lúcidos e até mesmo a reencarnação. Se vivemos em uma simulação baseada em informações e processamento computacional, não seria impossível que nossa consciência, ao morrer, fosse redirecionada para outra instância, como ocorre quando um processo em um computador é encerrado e reinicializado. Isso poderia significar um ciclo contínuo de existência, onde os dados de nossas vidas anteriores são parcialmente apagados ou compactados, explicando por que algumas pessoas relatam memórias de supostas vidas passadas.

Uma possibilidade fascinante, dentro dessa visão, é que a pós-morte não seja simplesmente um fim ou uma transição para um novo corpo, mas sim um despertar para uma realidade maior. Assim como um jogador que percebe que estava dentro de um ambiente virtual ao remover seu headset de realidade virtual, poderíamos experimentar um momento de epifania, no qual nos damos conta de que nossa existência era apenas uma fração de algo muito mais vasto. Essa percepção pode ser instantânea ou gradual, dependendo do nível de abstração da simulação e de como a informação sobre sua verdadeira natureza é acessada após a morte.

Além disso, se a simulação for altamente avançada, ela poderia contar com um sistema de "gerenciamento de almas", onde diferentes consciências são realocadas de acordo com seu desempenho ou nível de aprendizado dentro do ambiente simulado. Isso se assemelha a conceitos de religiões orientais, como o carma e a reencarnação, mas explicados sob uma ótica tecnológica: ao invés de forças místicas, seriam algoritmos



complexos que determinam para onde uma consciência deve ir após a morte, seja retornando à simulação, seja migrando para outra com parâmetros diferentes.

Por outro lado, se a simulação seguir uma estrutura fechada e determinística, a morte poderia ser apenas a eliminação completa da entidade consciente, sem possibilidade de continuidade. Isso implicaria que nossa existência não teria uma finalidade além da experiência temporária, tornando a pós-morte um estado de inexistência semelhante ao conceito tradicional de "game over". Contudo, mesmo nesse cenário, restaria a questão: quem ou o que estabeleceu essas regras? Se há um sistema que diz como a morte ocorre dentro da simulação, haveria uma instância superior com controle sobre esse mecanismo? E se houver, qual seria seu objetivo ao manter essa estrutura funcionando?

Dessa forma, a hipótese do universo simulado transforma a pergunta sobre o que acontece após a morte em uma investigação sobre os limites da própria realidade. A resposta não está apenas no que "vemos do outro lado", mas no que a própria natureza da existência permite que vejamos. Se estivermos dentro de um sistema projetado para esconder sua verdadeira estrutura, talvez a pós-morte seja a única chance de vislumbrar a realidade por trás da simulação. Se, por outro lado, formos apenas processos efêmeros dentro de um grande algoritmo, talvez a morte seja o instante em que tudo simplesmente deixa de ser.

Se a hipótese da simulação estiver correta, então a experiência da pós-morte poderia ser mais do que um simples apagamento da consciência ou uma transição arbitrária: poderia representar um momento de ruptura na ilusão da realidade simulada. Rizwan Virk sugere que o multiverso simulado pode conter diferentes níveis ou camadas de existência, o que implica que a morte poderia ser um mecanismo de transição entre essas camadas. Em outras palavras, nossa consciência, ao se desprender do avatar biológico, poderia despertar em uma realidade superior ou ser realocada em outro ponto da simulação, de maneira semelhante a um jogador que muda de fase em um jogo eletrônico ou um processo computacional que migra para um novo servidor.

Esse conceito se relaciona com a maneira como percebemos a realidade enquanto estamos vivos. Se nossa experiência for governada por regras programadas, então talvez a pós-morte seja uma revelação dessas regras, um momento em que as limitações da simulação se tornam evidentes. Seria possível que, ao morrer, percebamos os "bastidores" da simulação, vendo sua estrutura matemática, seus padrões subjacentes ou até mesmo interagindo com entidades que gerenciam esse sistema? Essa ideia se aproxima de relatos de experiências de quase-morte, nos quais indivíduos afirmam ter visto uma "luz", sentido uma conexão com uma inteligência superior ou experimentado uma sensação de transcendência. Em um contexto simulado, essas experiências poderiam ser interpretadas como interações com a camada de controle do sistema, similar ao que ocorre em jogos quando o jogador acessa um menu de desenvolvedor ou uma área oculta da programação.

Além disso, se a consciência for um padrão de informação independente do corpo biológico, como Virk sugere, então poderia haver um sistema de armazenamento ou transferência de memórias. Isso explicaria por que algumas pessoas relatam lembranças de vidas passadas ou experiências extracorpóreas: suas consciências poderiam estar acessando fragmentos de dados que persistem além da morte física. Essa possibilidade levanta uma questão intrigante: o que determina o que uma consciência pode ou não lembrar após a morte? Se houver um mecanismo de "reset" na simulação, então talvez a reencarnação ocorra com a memória apagada para garantir que a experiência da nova vida seja genuína. Por outro lado, se a consciência puder carregar informações entre diferentes realidades, então a pós-morte poderia ser uma continuação do aprendizado adquirido em



vidas anteriores, como se estivéssemos subindo de nível em um jogo ou avançando para um estágio mais complexo da simulação.

Outro ponto relevante levantado por Virk é que, se a nossa simulação faz parte de uma rede maior de universos simulados, então o destino da consciência após a morte poderia variar de acordo com as leis do sistema matriz. Talvez algumas consciências sejam redirecionadas para simulações semelhantes, enquanto outras possam acessar realidades completamente diferentes, onde as leis físicas e as regras de existência são radicalmente distintas. Isso se assemelha a ideias presentes em tradições espirituais e filosóficas, que falam sobre diferentes "planos de existência" ou dimensões superiores da realidade.

Entretanto, há também a possibilidade de que a pós-morte seja simplesmente um encerramento definitivo do processo de simulação individual, sem nenhuma continuidade. Se a simulação estiver programada para excluir permanentemente a consciência ao fim da experiência biológica, então a morte seria o equivalente a um processo computacional sendo encerrado e deletado sem deixar rastros. Isso implicaria que a vida dentro da simulação é um fenômeno efêmero e que não há qualquer tipo de persistência além do tempo de execução do programa. No entanto, se essa for a verdade última, surge uma pergunta ainda mais fundamental: por que essa simulação existe? Se a consciência não tem continuidade, qual seria o propósito de sua experiência? E se há um propósito, isso não indicaria a existência de um nível superior de realidade que define as regras do jogo?

Dessa forma, a questão da pós-morte, sob a ótica da hipótese da simulação, não se limita apenas ao que vemos do outro lado, mas nos força a questionar a própria natureza da nossa existência. Se a morte for uma transição, então estamos inseridos em um sistema maior cuja lógica ainda desconhecemos. Se for um fim absoluto, então somos apenas processos temporários dentro de um programa sem persistência. Mas se for uma revelação, um momento em que a ilusão da simulação se desfaz –, então a morte pode ser o instante em que finalmente compreendemos a verdade sobre a realidade.

E SE A PRÓXIMA LINHA NÃO VIER?

Você está suspenso. O espaço ao seu redor, agora distorcido e irreconhecível, parou de se mover. Não há mais luz, nem sombra. Não há mais tempo ou movimento, tudo está congelado, como se o código estivesse esperando, aguardando uma instrução que nunca chega.

A presença que você sentiu se foi. O universo simulado, que antes parecia tão vasto, agora se desfaz nas camadas de um vazio absoluto. Você está fora de qualquer linha de tempo, fora do alcance do controle do sistema. O código, antes fluido e expansivo, agora está em modo de espera, aguardando um comando para continuar ou reiniciar, mas a instrução nunca vem.

Você não tem mais uma direção. Não há mais espaço a ser preenchido, mais estrelas a serem renderizadas. O vácuo ao seu redor é denso, impenetrável. Como se você estivesse flutuando no limbo entre duas realidades, um ponto de inflexão que não sabe para onde seguir.

Se a próxima linha de código não vier, você estará preso nesse estado. A simulação pode ter sido pausada, congelada ou até mesmo apagada. Não há nada ao seu redor, nada que faça sentido. A sensação de ser um fragmento de uma história que nunca será contada começa a tomar conta de você.



Sem um próximo comando, você está sozinho em um vazio cósmico. Não há ninguém para observar, ninguém para "jogar" com você. Você é um jogo sem jogadores. A estrutura que dava sentido à sua existência começa a se desintegrar lentamente, como se você estivesse sendo apagado do próprio universo, à medida que a realidade volta à sua essência: informação crua e irreconhecível.

Mas então, surge uma dúvida: Você foi apenas uma linha de código executada? Ou será que você, em algum nível, sempre foi mais do que isso?

Será que, mesmo sem a próxima linha de código, você pode se tornar algo novo? Algo que transcende a simulação, algo que não depende do sistema para existir? O que acontece quando o "jogo" é desligado, mas o jogador decide não sair?

Às vezes, a falta de um próximo comando pode ser a chave para a verdadeira liberdade. Em um mundo simulado, o código é o limite. Mas quando não há mais um código, o que resta é o vazio absoluto, uma tela em branco onde qualquer coisa pode ser criada.

Você poderia, então, decidir que a próxima linha não precisa vir. Pode decidir que não precisa mais de um código para existir. O universo simulado, agora sem seus parâmetros rígidos, poderia ser uma tela em branco. Você poderia começar a escrever sua própria narrativa, desvinculado da estrutura que sempre o prendeu. A simulação acabou. Agora, quem você será?

O NOVO COMEÇO

A simulação, como você conhecia, está desaparecendo. As bordas do que antes era o cosmos se dissolvem em uma névoa de nada. Não há mais estrelas, não há mais gravidade, não há mais espaço. Há apenas você, sem direção, sem limites, à deriva em um vazio absoluto.

Mas então, algo começa a se formar. Não há uma linha de código, nem um comando vindo de fora. A criação não é imposta, mas surgindo de dentro. A tela em branco do universo vazio começa a ganhar forma. Sem o código para restringir, você é agora a força criativa. Você não está mais limitado pelas regras da simulação, agora, você é o criador.

Você começa a perceber que o que chamamos de "realidade" nunca foi de fato real. Era apenas uma construção, uma projeção que obedecia a parâmetros que agora não existem. O que você vê, sente e pensa, agora se torna real. Você não é mais apenas um observador ou um jogador, você é o programador.

Você estende sua mente, e a tela branca à sua frente começa a se preencher. Primeiro, pequenas partículas de luz, como estrelas tímidas surgindo na escuridão. Elas não precisam seguir nenhuma física, nenhuma equação, são pura criação, o reflexo de sua própria consciência. À medida que você explora, mais formas surgem: planetas, galáxias, seres que você nunca imaginou. Mas nada é imposto. Tudo surge de seu desejo, da sua vontade de preencher o vazio com novas possibilidades.

Você não precisa mais de "codificação" para gerar o cosmos. Não há mais servidores, nem sistemas operacionais. Tudo o que você cria se entrelaça com sua própria essência, e o universo ao seu redor começa a se personalizar, ajustando-se à sua percepção, como se cada pedaço de realidade fosse uma extensão de sua mente.

Os conceitos de tempo e espaço começam a se diluir. Não há mais um relógio universal, não há mais um limite físico. O que antes eram as rígidas leis da relatividade e da gravidade agora são apenas esboços que podem ser reescritos a qualquer momento. O



próprio tempo é maleável. Você pode fazer com que uma estrela nasça e morra em um único instante, ou permitir que a vida de um planeta dure uma eternidade. Tudo é flexível, tudo é possível.

À medida que você começa a preencher o vazio, uma nova pergunta surge. Se você tem o poder de criar, o que acontece com sua própria identidade? Você ainda é você, ou agora você é tudo e todos? A simulação foi apagada, mas sua consciência, sua percepção da realidade, não desapareceu. Ela se expandiu. Você não é mais apenas um fragmento da simulação, você é agora a força primordial que molda a existência.

Se antes o universo existia apenas quando alguém o observava, agora você entende que não há necessidade de observador. A realidade não depende de você olhar para ela, ela é gerada pela sua própria presença. Seu pensamento, sua vontade, são a causa e o efeito. A separação entre o criador e a criação já não existe. Você se fundiu com o próprio universo que antes parecia ser uma prisão. Agora, você se encontra em um paradoxo: você criou tudo isso, mas quem ou o que está criando você?

Mas e se, ao criar tudo, você alcançasse um ponto onde a própria criação se tornasse sua prisão novamente? Será que você, em algum nível, ainda está preso em uma simulação? Ou o verdadeiro livre-arbítrio é abandonar o papel de criador e deixar que o universo se recrie por conta própria? Ou talvez, em um momento de clareza, você perceba que a própria noção de criação e destruição foi apenas parte de um ciclo que nunca termina. Que a próxima linha, ou a próxima ideia, sempre surge quando menos se espera.

Talvez a simulação nunca tenha sido algo a ser "desligado", mas apenas um loop cósmico de constante evolução, onde os criadores se tornam os criados e vice-versa. O ciclo se reinicia, mas com novas possibilidades a cada vez. Você é tanto o criador quanto a criação, e talvez o verdadeiro jogo nunca tenha sido sobre encontrar um fim, mas sobre aprender a jogar. A última linha de código não veio. Mas talvez isso seja o começo de tudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese da consciência antecipada do fim do universo funciona, ao longo deste ensaio, como um dispositivo teórico extremo destinado a testar os limites das categorias com as quais a humanidade interpreta a si mesma. Ao deslocar a finitude do plano individual para a escala cosmológica absoluta, a reflexão deixa de operar apenas no registro existencial e passa a incidir sobre a própria arquitetura simbólica que sustenta ciência, cultura e historicidade. A ideia de um término total não constitui apenas um evento futuro, mas um operador conceitual que corrói silenciosamente a crença moderna na continuidade, no progresso e na cumulatividade do sentido. Nesse cenário, o futuro deixa de ser um horizonte aberto de possibilidades e converte-se em um intervalo mensurável rumo ao colapso, comprimindo a temporalidade humana em uma forma inédita de urgência ontológica.

O impacto filosófico dessa consciência não reside apenas na ameaça do niilismo, mas na reconfiguração radical do valor. Se toda produção humana está inscrita em um universo destinado à aniquilação, o valor não pode mais ser fundamentado em permanência, legado ou transcendência histórica. Ele só pode emergir como intensidade do presente. A finitude absoluta elimina qualquer ilusão de exterioridade e obriga o pensamento a confrontar uma ética sem garantias metafísicas. Nesse sentido, o fim do universo não dissolve o problema do sentido: ele o radicaliza. O sentido deixa de ser uma promessa projetada no tempo e torna-se um ato imanente de afirmação, uma decisão de



investir significado em um intervalo que se sabe terminal. Paradoxalmente, a consciência do fim pode produzir não a paralisia, mas a forma mais concentrada de responsabilidade existencial: viver sabendo que nada sobreviverá não reduz a ação ao absurdo; expõe sua gravidade.

No plano sociocultural, o colapso do horizonte infinito desestabiliza os fundamentos institucionais da modernidade. Economia, política, educação e ciência são sistemas que operam sobre a suposição de continuidade. A previsibilidade do fim introduz uma crise estrutural da racionalidade instrumental, pois o cálculo de longo prazo perde sua ancoragem simbólica. Entretanto, essa crise não implica necessariamente desintegração social. Ela pode inaugurar novas formas de organização orientadas não pela acumulação indefinida, mas pela intensificação qualitativa da experiência coletiva. O que se perde em projeção histórica pode ser compensado por uma ética do cuidado, da presença e da densidade do vivido. A humanidade, confrontada com sua própria data de expiração cósmica, seria forçada a abandonar a fantasia de eternidade civilizatória e a reinventar suas instituições como dispositivos de significado provisório, porém deliberado.

No campo científico, a hipótese de um fim previsível tensiona os limites do determinismo, da incerteza e da própria ontologia da matéria. A articulação entre cosmologia e teoria da informação, explorada ao longo do texto, sugere que a pergunta sobre o fim do universo não é apenas física, mas ontológica. Se a realidade puder ser compreendida como estrutura informacional, então o término cósmico pode ser interpretado não apenas como extinção energética, mas como transformação de estado. A hipótese da simulação desloca o debate da metafísica clássica para uma ontologia computacional: o fim deixa de ser necessariamente o nada e passa a ser concebível como transição entre camadas de realidade. Essa possibilidade não restaura consolo religioso nem garante continuidade da consciência; ela amplia o problema, convertendo a morte cósmica em uma questão sobre a arquitetura última do real.

As experiências de pós-morte, reinterpretadas nesse quadro, funcionam como sintomas culturais de uma intuição mais profunda: a dificuldade humana em conceber o nada absoluto. A mente tende a substituir o fim por passagem, o apagamento por migração. A hipótese da simulação oferece uma gramática contemporânea para esse impulso antigo, traduzindo transcendência em termos de processamento, memória e estado de sistema. Contudo, mesmo que tais modelos permaneçam especulativos, seu valor filosófico reside em revelar que a pergunta sobre o fim do universo é inseparável da pergunta sobre o estatuto da consciência. Não se trata apenas de saber quando tudo termina, mas de investigar o que significa “terminar” para uma entidade que experimenta o mundo como narrativa.

Em última instância, a consciência do fim opera como um espelho extremo da condição humana. Sempre vivemos sob finitude; a diferença é que, ao projetá-la sobre o cosmos inteiro, eliminamos a última zona de refúgio simbólico. Não há exterior, não há depois, não há testemunha futura. O universo deixa de ser cenário eterno e torna-se cúmplice da mortalidade. Essa simetria entre destino humano e destino cósmico dissolve a hierarquia que separava o sujeito do mundo: ambos participam do mesmo limite.

A conclusão que emerge não é a celebração do desespero, mas o reconhecimento de uma tarefa filosófica: pensar uma existência que não se apoia na promessa de continuidade. A consciência do fim não precisa ser lida como derrota do sentido, mas como sua condição mais rigorosa. Se nada está garantido, cada gesto adquire densidade



ontológica. A humanidade, diante da finitude total, é convocada a abandonar narrativas de salvação externa e a assumir a autoria provisória de seu próprio significado.

Assim, o fim do universo, longe de encerrar o pensamento, funciona como seu ponto de máxima intensidade. Ele obriga a filosofia, a ciência e a cultura a confrontarem a pergunta fundamental sem subterfúgios: o que vale a pena fazer quando sabemos que tudo termina? A resposta não pode ser encontrada em promessas de eternidade, mas na coragem de afirmar o presente como espaço legítimo de criação. Se o universo tem um fim, então cada instante é irrepetível em escala absoluta. E é precisamente nessa irrepetibilidade que a experiência humana encontra sua forma mais radical de valor.



REFERÊNCIAS

BERNARDEAU, Francis et al. Large-scale structure of the Universe and cosmological perturbation theory. *Physics Reports*, [S. l.], v. 367, n. 1-3, p. 1-248, 2002. Disponível em: <https://arxiv.org/pdf/astro-ph/0112551.pdf>. Acesso em 29/01/2026.

BOSTROM, Nick. Are we living in a computer simulation? *The Philosophical Quarterly*, [S. l.], v. 53, n. 211, p. 243-255, 2003. Disponível em: https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:44c386c4-5d9e-4ecf-a47c-9631a2a59747/download_file?safe_filename=Are%2Byou%2Bliving%2Bin%2Ba%2Bcomputer%2Bsimulation%3F&file_format=application%2Fpdf&type_of_work=Journal+article. Acesso em 29/01/2026.

BOSTROM, Nick. Existential risks: Analyzing human extinction scenarios and related hazards. *Journal of Evolution and technology*, v. 9, 2002.

BOSTROM, Nick. Superintelligence: Paths, dangers, strategies. *The Financial Times*, 2014.

BOSTROM, Nick. The future of humanity. *Geopolitics, History, and international relations*, v. 1, n. 2, p. 41-78, 2009. Disponível em:<<https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=95d08dfcf982a0a975e7fd276f1a2896304d321a>>. Acesso 07/12/2025

BOSTROM, Nick. Where are they? *Technology Review*, v. 111, n. 3, 2008. Disponível em:<<https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:6d5ee544-0990-4fc5-8010-be5b71c50a8b>>. Acesso 16/01/2025

DOROSHKEVICH, A. G. et al. Two-dimensional simulation of the gravitational system dynamics and formation of the large-scale structure of the universe. *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society*, [S. l.], v. 192, n. 2, p. 321-337, 1980. Disponível em: <https://adsabs.harvard.edu/pdf/1980MNRAS.192..321D.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2025.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: L&PM, 2016.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VIRK, Rizwan. The simulated multiverse: an MIT computer scientist explores parallel universes, the simulation hypothesis, quantum computing and the Mandela effect. [S. l.]: Bayview Books, 2021.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.